



GUERRA

O presidente ucraniano critica negociações entre EUA e Rússia que excluem Kiev e alerta para os riscos de acordos sem consenso, rejeitando qualquer decisão tomada sem a participação do país no conflito

Zelensky nega que Ucrânia cederá território à Rússia

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, reafirmou, ontem, que o país não cederá território à Rússia sob nenhuma circunstância. A declaração foi feita poucas horas após o anúncio de que os presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, e da Rússia, Vladimir Putin, acertaram uma reunião no próximo dia 15 de agosto, no Alasca, para tentar encerrar a guerra iniciada em fevereiro de 2022.

O encontro, marcado para ocorrer em território norte-americano, mas geograficamente próximo da Rússia, foi recebido com reservas por Kiev e também por lideranças europeias. O principal ponto de preocupação é que a Ucrânia não foi convidada a participar das negociações, apesar de ser parte diretamente envolvida no conflito. Na sexta-feira, ao anunciar a cúpula, Trump afirmou que “haverá alguma troca de territórios para o benefício de ambos”, referindo-se à Ucrânia e à Rússia, sem fornecer mais detalhes sobre quais regiões estariam em discussão.

Zelensky reagiu de forma contundente às declarações. “Os ucranianos não entregarão sua terras ao ocupante”, declarou nas redes sociais. “Não podem tomar decisões contra nós, não podem tomar decisões sem a Ucrânia. Seria uma decisão contra a paz. Não conseguirão nada”, advertiu. A guerra “não pode

terminar sem nós, sem a Ucrânia”, acrescentou o presidente.

O líder ucraniano também relatou conversas telefônicas com chefes de Estado europeus. Com o presidente francês, Emmanuel Macron, discutiu o cenário político e militar. Após o diálogo, Macron afirmou na rede social X que “o futuro da Ucrânia não pode ser decidido sem os ucranianos”. Zelensky também conversou com o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, que expressou “total apoio” a Kiev e defendeu “uma paz justa e duradoura que respeite a independência e a soberania da Ucrânia”.

No mesmo dia, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva falou por telefone com Putin. De acordo com o Palácio do Planalto, a conversa durou cerca de 40 minutos. Lula reiterou a disposição do Brasil de contribuir para uma saída pacífica para o conflito, enquanto o presidente russo agradeceu “o empenho e interesse” brasileiro no tema.

Negociação travada

As tentativas anteriores de aproximação entre Moscou e Kiev não avançaram. Em 2025, três rodadas de negociações diretas foram realizadas sem resultados concretos, e não há garantias de que a nova cúpula trará avanços. A invasão russa, que começou em fevereiro de 2022,

AFP



Volodymyr Zelensky exige a retirada das tropas russas de todo o território ucraniano. Kremlin rejeita

deixou dezenas de milhares de mortos, milhões de deslocados e provocou danos severos à infraestrutura ucraniana. Putin segue resistindo a apelos dos Estados Unidos, da Europa e da própria Ucrânia para decretar um cessar-fogo.

A reunião no Alasca — território vendido pela Rússia aos Estados Unidos em 1867 — será a primeira entre presidentes em exercício dos dois países desde junho de 2021, quando Joe Biden se encontrou com Putin em Genebra. Trump e Putin não

se reúnem presencialmente desde o G20 de 2019, no Japão, mas mantiveram contatos telefônicos em várias ocasiões desde o início do ano.

Ao comentar a escolha do local para o encontro, Zelensky destacou a distância física e simbólica do palco

da guerra. “O Alasca está muito longe desta guerra, que é travada em nossa terra, contra nosso povo”, afirmou. Enquanto isso, no campo de batalha, a situação segue tensa: combates e ataques com drones foram registrados durante a noite, e o Exército russo avança no leste, ameaçando posições estratégicas no Donbass, entre elas a cidade de Pokrovsk, considerada vital para a logística das forças ucranianas.

O sábado também foi marcado por novas baixas civis. Bombardeios russos mataram quatro pessoas na região de Donetsk e outras duas em Kherson, no sul do país. As autoridades informaram ainda que cerca de 20 pessoas ficaram feridas nos ataques. Moscou mantém suas exigências para encerrar o conflito: que Kiev ceda quatro oblasts (Donetsk, Lugansk, Zaporizhzhia e Kherson), todos parcialmente ocupados pelas tropas russas, além da Crimeia, anexada em 2014; que renuncie à adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan); e que interrompa o recebimento de armas ocidentais.

Para a Ucrânia, essas condições são inaceitáveis. Zelensky insiste na retirada completa das forças russas de todo o território ucraniano e cobra garantias de segurança por parte do Ocidente, incluindo mais fornecimento de armamentos e até a possibilidade de envio de um contingente europeu — proposta rejeitada por Moscou.

Plano israelense para Gaza provoca protestos

Dezenas de milhares de manifestantes foram às ruas de Tel Aviv neste sábado (9) para pedir o fim da guerra na Faixa de Gaza, um dia após o anúncio do plano israelense para a conquista da Cidade de Gaza, a maior do território palestino. Hoje, o Conselho de Segurança da ONU realizará uma reunião de emergência para tratar da situação.

Depois de 22 meses de conflito, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu enfrenta forte pressão interna e externa para encerrar a ofensiva contra Gaza, onde mais de 2 milhões de palestinos estão ameaçados de “fome generalizada”, conforme alerta da ONU. O gabinete de segurança israelense aprovou um plano para que o exército “se prepare

para tomar o controle da Cidade de Gaza”, que já está em grande parte destruída no norte do território, “ao mesmo tempo que distribui ajuda humanitária à população civil fora das zonas de combate”.

Na manifestação em Tel Aviv, jornalistas da AFP estimaram a presença de dezenas de milhares de pessoas, enquanto o Fórum das Famílias dos Reféns registrou cerca de 100 mil participantes. Os manifestantes exibiam cartazes e fotos de reféns mantidos pelo Hamas e cobravam do governo israelense sua libertação. O movimento islamista palestino afirmou que a decisão de ocupar a Cidade de Gaza significa o “sacrifício” desses reféns, sequestrados no ataque contra Israel

em 7 de outubro de 2023. O Hamas mantém 49 prisioneiros, dos quais 27 são presumidos mortos.

As famílias dos reféns e ativistas israelenses favoráveis à paz pedem um cessar-fogo para possibilitar a libertação dos cativos. Paralelamente, a Autoridade Palestina criticou duramente o plano israelense, classificando as medidas como “um desafio e uma provocação sem precedentes à vontade internacional de alcançar a paz e a estabilidade”.

O Brasil declarou, ontem, que “deplora” o plano de Israel de tomar o controle da Cidade de Gaza, afirmando que a decisão deve “agravar a catastrófica situação humanitária” enfrentada pela população palestina. A Rússia também

condenou o plano, alertando para o risco de agravar a “catástrofe humanitária” no território.

Ontem, a Defesa Civil de Gaza relatou que pelo menos 34 pessoas morreram em ataques israelenses, incluindo mais de uma dezena de civis que aguardavam ajuda humanitária. Segundo Mahmud Basal, porta-voz da agência, nove pessoas foram mortas e 181, feridas quando as forças israelenses abriram fogo contra um grupo próximo a um posto de distribuição de ajuda no norte de Gaza. Outros seis civis morreram e 30 ficaram feridos em ataques semelhantes no centro do território, enquanto bombardeios no sul deixaram ao menos três mortos e vários feridos.

Jack GUEZ / AFP



Em Tel Aviv, familiares e amigos de reféns pediram o cessar-fogo

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

BRASIL-EUA: A HORA DOS MODERADOS

Nenhum país está, hoje, no auge de seu triunfo. Muitos começam a pagar as dívidas próprias da velhice de seus sistemas econômicos e de poder, entregues ao esporte em que se transformou a divergência partidária e ao funcionamento personalista e repleto de privilégios das instituições do Estado. Trata-se de uma velhice inamável, que revela a fuga da audaciosa ajuda do destino e da fortuna e leva ao silêncio daqueles que vivem pelos próprios meios diante de bravatas que sugerem que ter força é reinar pelo ato de agredir. Sob o domínio do flash, a combinação de coragem política equivocada com circunstâncias econômicas adversas leva o mundo a uma regressão em que tudo se expressa em termos pessoais.

Com exceção da China, que sempre negociou a seu modo, nenhuma das nações

líderes apresenta-se astuta no modo de se inserir no novo sistema internacional.

Os EUA foram pegos de calças curtas, como um rico esgotado que não se renova e que, por soberba, levou o dólar a ser considerado um privilégio exorbitante — para ficar na notável crítica de Valéry Giscard d’Estaing, que fica cada vez mais atual —, e não um bem público internacional.

A Europa, por sua vez, perdeu o charme com o divórcio do Brexit, que lhe tirou o primeiro violino: o Reino Unido. O Brasil, país que pouco valoriza orquestra, não acha importante estudar bem sobre como se posicionar melhor diante dos desafios do século 21. Nossa matriz mais criativa continua algo que deriva de ao menos três vertentes afloradas: o tambor da ira partidária, que não respeita limites; o mal-informado egoísmo ambientalista, que

por vezes busca canonizar nossas riquezas acima do próprio povo; e a vaidade da justiça que despacha melhor na televisão.

Até aqui, todas as nações, a seu modo, estão negociando e cedendo a algumas das pressões do governo estadunidense, pois ele controla a oferta, praticamente monopolizada, de serviços nas “nuvens”, hoje seu maior bem. Por isso, a falta de antevisão tecnológica não será resolvida pelo reforço do patriotismo comercial.

É apenas onde chegamos com tantos governos desligados ou pessimistas, que se dizem surpreendidos com a lógica selvagem do interesse possessivo que domina o poder econômico. E a batalha das tarifas é a mesma dos impostos, esse gigante pré-histórico presente em Estados perdulários, que gastam mais do que ajudam a produzir e avançam sobre todos para manter sua sociedade.

Assim, para o Brasil, o que temos para hoje é com o que temos que trabalhar, sem ficar preso às configurações políticas com que a publicidade pinta líderes como vítimas da atual gestão da Casa Branca. Apesar de as taxas de Trump causarem

problemas a empresas de setores específicos, com ampla exposição ao mercado dos EUA, o fato de parte desses produtos — como carne e café — ficarem no Brasil tende a pressionar a inflação para baixo, mesmo que não muito. Mais importante ainda é lembrar que 88% das exportações brasileiras vão para países que não os EUA. E, por conta das negociações lideradas pelo governo e empresários brasileiros, 44,6% das exportações para os EUA — em valores — ficaram isentas dos 40 pontos percentuais extras de tarifa. Assim, apenas cerca de 6% do total exportado pelo Brasil ao mundo sofre diretamente com os abusivos 50% de tarifas estadunidenses.

Não vivemos em um mundo coerente, nem existe mais um centro político influente. É um mundo de extremismos, onde até a expansão dos Brics — que ia bem — pode azedar por razões políticas, como a equivocada incorporação do Irã, país que há décadas é governado de maneira ostensivamente violenta. O enterro dos moderados foi longamente preparado pela desescalada emocional dos dirigentes diante da redução do nível de

expectativa dos Estados, provocada pela distorção da identidade econômica das nações frente à competitividade predatória trazida pela tecnologia.

A política não é tudo. Parece que os líderes movidos pelo desejo de transcender os limites da condição humana não sabem disso. Original e extravagante, o líder moderno sonha com a dificuldade, produz ou deseja a crise para instrumentalizá-la em benefício próprio. Tais traços de um comportamento quase mitológico revelam o desejo de impor princípios de gestão autoritária e de voltar a definir fronteiras de costas para a globalização.

O mundo vive arranjos complexos para que o comércio prospere, o combate à criminalidade seja eficiente e a riqueza possa ser distribuída com justiça. Nada disso será melhor resolvido se o pau de sebo das metas eleitorais, que produzem maiorias políticas, não decidir governar com moderação e estabilidade. Hoje, o como fazer é mais importante do que o quê fazer.

PAULO DELGADO é sociólogo